



PESSOA NEGRA COM DEFICIÊNCIA: UM OLHAR INTERSECCIONAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE

Palavras-Chave: Deficiência, Raça, Educação Física.

Autores(as):

Autor: João Vítor Sebastião Rodrigues, FEF – UNICAMP

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Luiza Tanure Alves, FEF – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A exclusão escolar de estudantes com deficiência é um desafio persistente (Alves, 2013; Duarte, 2013). Neste sentido, crianças e jovens negros enfrentam desde cedo processos de estigmatização e marginalização no ambiente educacional (Ribeiro, 2019), opressões complexas quando atravessadas pela deficiência. Neste sentido, este estudo propõe analisar a Educação Física escolar a partir de uma perspectiva interseccional entre raça e deficiência, destacando como esses dois marcadores estruturam práticas pedagógicas excludentes nas escolas.

Partindo dos referenciais dos Estudos Críticos da Deficiência e da Teoria Crítica da Raça, dialogando com autoras como Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Débora Diniz, a pesquisa busca compreender as formas de exclusão e resistência vividas por pessoas negras com deficiência, promovendo reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas na Educação Física.

METODOLOGIA:

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com delineamento exploratório-descritivo e foco na investigação narrativa. A pesquisa buscou compreender os sentidos construídos por uma mulher negra com deficiência a partir de suas experiências, articuladas ao período escolar nas aulas de educação física. O estudo foi desenvolvido através da escuta da história de vida de uma única jovem com deficiência negra. Neste sentido, a história de vida (Meihy, 2005), valoriza a escuta sensível e o reconhece as narradoras como colaboradoras e não apenas participantes (Meihy; Holanda, 2015).

A colaboradora do estudo foi uma atleta com deficiência vinculada ao esporte paralímpico de elite brasileiro na modalidade corrida em cadeira de rodas, identificada com nome fictício “Verenna”. Com 24 anos, Verenna sofreu um acidente de moto, onde teve que amputar seu membro inferior esquerdo. A entrevista foi realizada de forma remota, orientada pela pergunta “Quem é você?”, seguida de indagações que provocavam reflexões sobre deficiência e raça. O conteúdo foi transcrito, textualizado e transcriado, respeitando a oralidade e os sentidos das falas. Para a história, foi destacado um “tom vital” — uma frase que sintetizava a dimensão ética e política da narrativa (Tonini, 2016).

A análise interpretativa, guiada por Smith e Sparkes (2008), articulou as histórias aos Estudos da Deficiência e da Raça, considerando os marcadores de raça, gênero, deficiência e classe como estruturantes das experiências. Embora Verenna tenha adquirido sua deficiência aos 24 anos, a narrativa construída permite uma leitura retrospectiva de sua trajetória escolar enquanto aluna negra sem deficiência. A análise busca tensionar os diferentes modos de exclusão experienciados por ela nesses dois momentos: na escola, marcada pelo racismo velado e naturalizado, e no contexto esportivo pós-acidente, onde a deficiência se tornou um marcador social dominante. Ao contrastar essas fases da vida, o estudo revela como raça e deficiência operam de forma alternada e interdependente, moldando a vivência da exclusão em diferentes espaços.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Após a análise da narrativa de Verenna, foi realizada uma interpretação tendo em foco a trajetória de estudantes negros com deficiência. Essa análise revela barreiras interseccionais nas aulas de Educação Física. Os relatos de Verenna revelam como os marcadores sociais de deficiência e raça operam de forma interseccional, mas com diferentes pesos dependendo do contexto. Após adquirir a deficiência aos 24 anos, Verenna relata que passou a ser percebida socialmente a partir de sua condição física. “Tipo eu falo que sei lá, quando a gente não é deficiente, a gente não vê... eu não via pessoas com deficiência quase na rua e principalmente pessoas amputadas. Eu não via, eu não tinha esse contato.” Em sua experiência escolar anterior ao acidente, o racismo já se manifestava de forma velada, mas naturalizada: “Quando tava tendo aquela novela Xica da Silva... às vezes eles me chamavam, eu saía correndo atrás deles pra bater, mas tipo eu nunca levei a sério, eu sempre levava muito na brincadeira. Eu sei que era preconceito, mas eu não via como preconceito.” Com a deficiência, passou a enfrentar um novo tipo de exclusão, associado à ideia de incapacidade.

“Eu fui para Santos para poder conhecer o projeto. Tinha 24 anos no meio da molecadinha, começando a aprender a andar de cadeira de rodas.” Essa sensação de inadequação nos espaços, inclusive esportivos, evidencia como a deficiência tornou-se uma identidade preponderante após o acidente, afetando sua auto imagem e a forma como era vista. No entanto, em contextos paralímpicos,

onde a deficiência é um denominador comum, a raça voltou a se destacar: “Na cadeira e qualquer outro esporte não tem muitos negros... então é mostrar que a gente tá conquistando ali, aos pouquinhos estamos conquistando nosso espaço.” Ao destacar que foi a única afro-latina cadeirante na Maratona de Chicago, Verenna explicita como o racismo também estrutura o campo esportivo adaptado. Assim, suas falas demonstram que tanto a deficiência quanto a raça operam como critérios de exclusão, que se alternam ou se sobrepõem conforme o espaço, mas que nunca desaparecem por completo. “Eu sou a Verenna atleta, não a Verenna superação.”

CONCLUSÕES:

A partir da narrativa de uma mulher negra com deficiência, a pesquisa identificou elementos que podem refletir vivências comuns a estudantes em situações semelhantes, enfrentando múltiplas camadas de exclusão nas aulas de Educação Física, marcadas pela ausência de práticas pedagógicas inclusivas, pela negligência em relação às adaptações e pela perpetuação de estigmas raciais e capacitistas. A escola, enquanto reprodutora de normas sociais, frequentemente opera como espaço de silenciamento desses sujeitos.

Ao mesmo tempo, as falas analisadas revelam que esses estudantes desenvolvem estratégias de resistência e constroem identidades críticas, capazes de tensionar a lógica excludente vigente. O estudo reforça a necessidade de uma formação docente que considere a interseccionalidade como elemento estruturante da prática pedagógica e da construção curricular.

Recomenda-se que políticas públicas voltadas à inclusão escolar incorporem uma abordagem interseccional que considere as especificidades de raça, deficiência, classe e gênero. A Educação Física, por seu potencial formativo e experiencial, pode e deve ser um campo de promoção de equidade, acolhimento e justiça social.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. **A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com deficiência.** *Movimento*, v. 19, n. 1, p. 117-137, 2013.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiano. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. **Narrative and its potential contribution to disability studies**. *Disability & Society*, v. 23, n. 1, p. 17–28, 2008.

TONINI, Marcel D. **Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu**. 2016. 478 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.